

RESENHAS

DEL PRIORE, Mary. *Do outro lado*. A história do sobrenatural e do espiritismo. São Paulo: Planeta, 2014. 191p. ISBN 978-85-422-0405-6

Recebido em 19/12/2014 - Aprovado em 22/01/2015

DOI: 10.4025/rbhranpuh.v7i21.26134

Marcos José Diniz Silva¹

A professora, historiadora e escritora Mary Del Priore vem ao grande público com mais uma obra de sua fértil lavra. Já renomada no trato de temáticas como história das mulheres, questões de gênero, sexualidade, biografia ou sínteses de História do Brasil; sua habilidade literária e ampla experiência de pesquisa lhe permitiram penetrar na vida religiosa brasileira, explorando a presença do espiritismo e outras manifestações religiosas enfeixadas sob denominação de sobrenatural, no Brasil de finais do século XIX e inícios do século XX.

O lançamento de *Do outro lado. A história do sobrenatural e do espiritismo* vem cobrir importante lacuna sobre a história do espiritismo no Brasil voltada para o grande público. A historiadora trata a temática de forma agradável, com um texto fluído sem deixar de ser elegante e marcado por fina sensibilidade diante de assunto complexo e repleto de nuances como é a religiosidade brasileira. Ainda nesse aspecto a autora não descarta de uma permanente vinculação entre os desenvolvimentos culturais das correntes espiritualistas, do espiritismo e do esoterismo naquela virada de século no Brasil, Europa e Estados Unidos, no contexto das grandes transformações econômicas, tecnológicas e culturais da modernidade.

Quanto à estrutura, o livro está organizado em Introdução e cinco capítulos, por sua vez divididos em criativos subtítulos. Traz boas ilustrações em interessante caderno de imagens com fac-símiles de jornais, notícias, anúncios, quadrinhos, capas de obras espíritas, fotografias de médiuns, cartomantes, curandeiros, exorcistas do Brasil e do exterior.

Na Introdução, a autora aproxima o leitor de hoje do fenômeno da morte, da reflexão sobre o que há “do outro lado” – curiosidade humana de todos os tempos –, para afirmar que “Nossos antepassados acreditavam na ação dos mortos sobre os vivos” (p. 9). Retifica o pensamento anacrônico de que aquilo era mera superstição, considerando seu estatuto de verdade nos quadros de um encantamento do mundo, que já não é tão geral em nossos tempos. Mas que, sutilmente, teima em resistir, como nessa opinião pessoal da autora: “Hoje, sabemos – mais ou menos – que nossos mortos não

¹ Professor do Curso de História da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central-FECLESC, da Universidade Estadual do Ceará-UECE. Doutor em Sociologia com a tese “Moderno-espiritualismo e espaço público republicano: maçons, espíritas e teosofistas no Ceará”. (UFC, 2009). E-mail: marcos.diniz@uece.br

vão voltar, não terão nada a nos dizer...” (p. 9)² Enfim, dando como positiva a relação humana com os mortos, com os entes queridos do “outro lado”, Del Priore chama a atenção, fundamentalmente, para o valor de terapia dessas mensagens do além, relativizando sobre a verdade dos fenômenos.

No capítulo primeiro, intitulado “Como tudo começou”, a autora introduz o leitor ao tema com diversas narrativas de histórias do além, como casas mal-assombradas e casos de espíritos famosos – a exemplo do médico Dornelas – que rondavam as ruas do Recife nos começos do século XX, citados de obras de Gilberto Freyre. Traz ocorrências no Rio de Janeiro, onde escorre o cotidiano místico da população católica, especialmente à noite, com suas orações, o medo de visagens, assombrações, bichos infernais ou os gemidos das almas penadas... Também utiliza-se do cronista João do Rio para citar a variedade de cultos religiosos em trecho de *As Religiões no Rio*. Vai à França de Napoleão III, trafegar na Paris das populares cartomantes, da influente astrologia, das práticas mesmeristas, no mesmo cenário das grandes conquistas da ciência como a eletricidade, a ótica, a química, onde o maravilhoso parecia estar em todo lugar.

Explora o contexto ocidental em que as religiões tradicionais não mais podiam interditar³ o contato com os mortos, enquanto a ciência parecia auxiliar a aproximação dos dois mundos, pelos desenvolvimentos da ótica, da fotografia, da telegrafia, da acústica. Fala das ideias de Swendenborg, histórias de vampiros e de mortos-vivos. Até a “beleza do horror” e sua aproximação com o erotismo. Tudo denunciando um tempo de novas revelações.

Em certo momento a autora sugere que essa busca mística, em todas as classes, decorria de uma ideia sombria de futuro. Mas pode-se aventar a possibilidade de que essas alternativas místicas e seus próximos desenvolvimentos pelos vieses racionalista e cientificista como o swendenborguismo, o espiritismo e o teosofismo pudessem também representar novas conformações sobre a destinação espiritual humana ante a crise da dogmática das religiões tradicionais.

O capítulo segundo, “A nova moda: as mesas volantes e o espiritismo”, apresenta uma interessante apreciação do advento do espiritismo, com uma clara distinção em relação ao movimento espiritualista norte-americano iniciado em Hydesville, em 1848, onde começaram as manifestações ostensivas dos espíritos, a partir da família Fox. Ali informa detalhes úteis sobre esse movimento espiritualista nos Estados Unidos que produziu uma imprensa e literatura consideráveis envolvendo protestantes e abolicionistas.

² Pelo sim, pelo não... Parafraseando Bourdieu (2004), a pesquisa em história da religião coloca sempre o dilema: historiador da crença e crenças de historiadores. Ou, onde se recusa a adesão ao essencialismo fenomenológico, resta o duro exercício do “agnosticismo metodológico” proposto por Lagrée (1998).

³ Em seus estertores, a mentalidade inquisitorial ainda levou o bispo de Barcelona, Espanha, em 1861, a queimar em praça pública algumas centenas de obras espíritas enviadas por Allan Kardec a um livreiro local.

Quanto ao papel de Allan Kardec e ao desenvolvimento do espiritismo na França, a autora tem o cuidado de diferenciar os fenômenos espíritos – de todos os tempos – da doutrina espírita e seus neologismos.⁴ Contudo, ao tratar dos principais fundamentos da doutrina espírita, a autora considera a reencarnação e a pluralidade dos mundos como “os dogmas principais do espiritismo”. (p. 55) E chama a atenção para antiguidade dessas crenças entre povos da velha Índia, África e Américas, que teriam sido popularizadas pela doutrina espírita. Ora, o uso do termo dogma como fundamento espírita contradiz o próprio texto da autora, que afirma a vinculação e sujeição da doutrina aos avanços da ciência, como exposto por Kardec. Em seguida comete um equívoco ao denominar “metempsicose” o que seria *palingenesia* (pluralidade de existências), pois a primeira crença sugere o retorno do espírito a corpos de animais, o que não era sua intenção afirmar. Mais adiante compensa os pequenos deslizes quando apresenta com clareza e exemplos a distinção entre o espiritismo e os movimentos ocultistas e esotéricos como a teosofia, as práticas maçônicas, sem ignorar suas afinidades. Isso é oportuno, pois em sua didática apresentação da doutrina, Kardec pretendia tornar popular ou exotéricos os conhecimentos espirituais antes reservados a iniciados.⁵

Esse é o mais extenso capítulo, alcançando o dobro de páginas de alguns outros, configurando o espiritismo como elemento central do livro, que justificaria uma inversão no subtítulo para: “A história do espiritismo e do sobrenatural”.

O terceiro capítulo, “Outras manifestações do Além: curandeiros, cartomantes, exorcistas...”, explora a presença de curandeiros diversos e as iniciativas dos grupos espíritas, já organizados na Federação Espírita Brasileira (FEB), na década de 1880, no Rio de Janeiro, em se distinguirem dessas práticas relacionadas à feitiçaria. Casos como do “Curandeiro de Nictheroy”, o conhecido “doutor” Marius, que reunia entre seus clientes gente do povo e “personagens que têm prestado bons serviços ao país” (p.102), e outros mais ou menos famosos faziam multiplicarem-se as cartas e matérias em jornais onde os espíritas se apressavam em diferenciar médiuns de curandeiros.

Mas, o cenário era mais complicado para os espíritas porque o comércio com Além era intenso e diverso. As madames cartomantes francesas eram presença marcante no Rio e outras grandes cidades. Havia uma delas, conhecida como “princesa Matilde”, que reunia “adeptos do ocultismo indiano, do cabalismo hebraico, do esoterismo egípcio, de Swendemborg, de Kardec, de Comte”. (p. 110-111) A autora demora-se um pouco na descrição da fama e do poder da cartomancia na França, detalhando seus pontos nas ruas de Paris.

Também os jornais davam publicidade aos fatos ditos sobrenaturais, como aparecimento de fantasmas e bruxarias. Noticiava-se apresentações como da Grande

⁴ Nesse caso, vale lembrar que recentes traduções da Bíblia (por ex. Editora Ave Maria), põem as palavras espírita e espiritismo em passagens condenatórias nos textos do Antigo Testamento.

⁵ Em esquematismo simplista, revelação de ignorância em obra de pretensão enciclopédica, Gaarder; Hellern; Notaker (2000, p. 257-259), classificam o espiritismo como tendência esotérica, junto a astrologia, ufologia, teosofia, formas variadas de magia...

Companhia Americana de Mistérios e Novidades, no Teatro São Pedro, onde atores fluuavam, médiuns produziam levitações e outras maravilhas. No “norte”, o jornal *O Cearense*, naquele final de século, publicava o “Boletim das Ciências Ocultas”. Era o tempo das “Mágicas”, dos exorcismos e diabruras diversas. Casos de “histéricas” e “endemaminhadas” que “enchiam os hospícios” eram conteúdo frequente nos jornais. Popularizava-se o uso de “sonâmbulas” (depois chamadas médiuns) para diagnósticos e receituários. O último subtítulo traz histórias de casas mal-assombradas.

No quarto capítulo, “Os inimigos do Além”, é a vez de apresentar as condenações e ataques, mais especificamente ao espiritismo haja vista ter sido esse movimento o mais organizado e de maior repercussão. Apresenta os ataques desferidos de variada imprensa, no exterior e no Brasil. Aqui, se antes essas crenças eram “coisa de negro”, agora eram também “coisa de branco”. Era preciso demonizá-las, identificá-las ao Mal.

Não faltavam matérias em jornais renomados acusando o espiritismo de levar seus adeptos à loucura. Cita Machado de Assis, um crítico ácido e satírico daquilo quer seria “uma fábrica de idiotas e alienados”. (p.134) Também a Academia Imperial de Medicina posiciona-se contra o chamado curandeirismo, como fizera contra a homeopatia, no momento em que cresciam os atendimentos da mediunidade receitista na sede da FEB. A Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, por sua vez, assegurava, após “inquérito”, que o espiritismo não apenas comprometia a saúde dos praticantes como estava associado a “anomalias psíquicas”.

É nesse contexto de final do Império, de expansão do espiritismo, com Abolição, República e maior presença de negros libertos nas cidades com suas práticas religiosas que se formulam as expressões “baixo-espiritismo” e “alto-espiritismo”, especialmente no jargão jurídico. O primeiro seria o “espiritismo de terreiro” - macumba, feitiço, mandinga -, o segundo o kardecismo, branco e de classe média. Merecem menção os subtítulos “A ‘casa de pretos’” e “Juca Rosa: o poderoso senhor dos terreiros e corações”, onde a autora descreve com detalhes as práticas de terreiro e as ações de pais-de-santo famosos, situando-as também como elementos de resistência cultural dos brasileiros afrodescendentes.

Concluindo o capítulo, Del Priore insinua que houvera um golpe positivista sobre os espíritas quando da publicação do Código Penal de 1890, que cita o espiritismo e criminaliza a prática mediúnica como curandeirismo. A autora mostra a reação da FEB, de seu presidente Bezerra de Menezes e as ações na imprensa e junto ao governo para reformar os artigos condenatórios. Para a autora, essas condenações atendiam a uma intenção dos positivistas de se desvincularem de qualquer ligação com a doutrina espírita, também francesa e cientificista. O argumento é frágil. Percebe-se implícito no texto do Código, como no Decreto 119-A, do mesmo ano, uma ideia de religião modelada na tradição católica, aliás, admirada pelos positivistas que sempre ressaltaram os vínculos morais passados e futuros entre cristianismo (catolicismo) e positivismo, para a regeneração da humanidade. Outra questão importante, não mencionada, é que as ações dos espíritas para se desvincularem das acusações do Código

Penal irão contribuir, interna e externamente, para a legitimação do espiritismo no Brasil como nova religião, um “cristianismo redivivo” assentado na caridade. (Cf. GIUMBELLI, 1997)

O quinto e último capítulo, “O eterno sobrenatural”, apresenta o multifacetado quadro intelectual dos primeiros anos do século XX, onde os fatos do sobrenatural e do fantástico, alimentados por obras como *Drácula*, de Bram Stocker, *O médico e o monstro*, de Robert L. Stevenson, *Frankenstein*, de Mary Shelley, dividiam as atenções com a problemática urbana, avanços tecnológicos, ideologias de transformação radical da sociedade, fazendo encontrarem-se positivistas, livres-pensadores, anticlericais, espíritas, maçons, protestantes, anarquistas, socialistas. Pensava-se a modernização e não faltavam projetos alinhando espiritualismos, esoterismos, socialismos de um Brasil progressista, republicano, urbano, oposto a um Brasil rural, de imaginário católico e monarquista. Mas, sempre, diríamos, um Brasil miscigenado pela força do sobrenatural.

Assim é “Do outro lado”, leitura auspiciosa que desvenda alguns mistérios da nossa história religiosa.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. Sociólogos da crença e crenças de sociólogos. In: *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004, p.108-113.
- GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. *O Livro das Religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- GIUMBELLI, Emerson. *O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do Espiritismo*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.
- LAGRÉE, Michel. História religiosa e história cultural. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (Orgs.) *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 365-384.